

a e
Arte & Ensaios

Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais / EBA / UFRJ
ano XXII | n. 31 | junho 2016

EDITORES RESPONSÁVEIS

Cezar Bartholomeu
Maria Luisa Tavora

COMITÊ EDITORIAL

Carlos Alberto Murad
Maria Luisa Tavora
Milton Machado
Rogério Medeiros

CONSELHO EDITORIAL

Amaury Fernandes
Ana Cavalcanti
Angela Ancora da Luz
Angela Leite Lopes
Carlos Murad
Cezar Bartholomeu
Dóris Kosminsky
Felipe Scovino
François Soulages
(Université de Paris VIII)
Georges Didi-Huberman
(EHESS/Paris)
Gerardo Mosquera (New
Museum of Contemporary
Art NY)
Glória Ferreira

Guto Nóbrega
Guy Brett (Curador
independente Inglaterra)
Jean-Claude Lebensztejn
(Université de Paris I)
Livia Flores
Marcus Dohmann
Maria Luisa Tavora
Maria Luiza Fragoso
Marize Malta
Milton Machado
Paulo Venancio
Sonia Pereira Gomes
Susanne Husse
(District Kunst- und
Kulturförderung)
Tadeu Capistrano

EDITORES EXECUTIVOS

Natália Quinderé
Renata Santini
Ronald Duarte

EQUIPE EDITORIAL

Alexandra van Riel
Aline Oliveira
André Vechi

Bianca Avila
Cristina de Pádula Cattán
Erika Schwarz
Guta Armigliato
Juliana Ferreira De Paulo
Lara Ovidio
Maria Alejandra Espinosa
Maria Augusta Armigliato
Mariana do Vale
Natália Quinderé
Renata Santini
Rodrigo Paglieri
Ronald Duarte
Thiago Ferreira

REVISÃO

Maria Helena Torres

ABSTRACTS

Elvyn Marshall

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Mary Paz Guillén

INDEXAÇÃO ON-LINE

Fátima Alfredo
Renata Santini

AGRADECIMENTOS

Ana Mannarino
Analu Cunha
André Leal
Carlos Azambuja
Chico Fernandes
Cybele Vidal
Eduardo Guerra
Evandro Salles
Fátima Alfredo
Fernanda Pequeno
Guto Nóbrega
Inês de Araújo
Ivair Reinaldim
Luciano Coronet Laner
Luiza Baldan
Marcelo Dreyfus Cattán
Marília Palmeira
Matheus Drumond
Mayana Redin
Milton Machado
Museu de Arte do Rio
(MAR)
Patrícia Corrêa
Vanessa Teixeira de Oliveira
Viviane Matesco

Foram feitos todos os esforços no sentido de encontrar os detentores de textos e imagens. No caso de alguma inadvertida omissão, faremos os devidos acertos na primeira oportunidade.

ISSN - 1516-1692 Semestral

BARTHOLOMEU, Cezar, TAVORA, Maria Luisa (Org.)

Arte & Ensaios n. 31. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes, UFRJ, junho 2016.
204 p.

1. Artes Visuais 2. História e Teoria da Arte
3. Imagem e Cultura 4. Linguagens Visuais

I. Universidade Federal do Rio de Janeiro II. 30: "Matéria Branca"

SUMÁRIO

	5	Apresentação
	6	Fórum Nacional dos Coordenadores de Pós-graduação em Artes / Artes Visuais
ENTREVISTA	9	Uma coisa completa a outra Fernanda Gomes
ARTIGOS	28	Present(e)ar o invisível e o indizível Julie Brasil
	40	Rumo a um novo ancoradouro: Ásia como método Rosana Pereira de Freitas
	50	Estado das coisas. Agir no corpo, agir na arte da performance Cinthia Mendonça
COLABORAÇÕES	60	Ambiguidade relevante: experiência itinerante e documentação visual Luiz Cláudio da Costa
	70	Construir reservas para criar Marina Bortoluz Polidoro
	80	Estética da bricolagem e do desvio Rachel Souza
	86	Trégua de vidro Adriana Maciel
REEDIÇÃO	92	O desaparecimento da imagem Hubert Damisch
TEMÁTICAS	108	Eisenstein, A casa de vidro e o livro esférico Oksana Bulgakowa

	126	O avesso do visível: ontologia e iconologia Philippe Descola
PÁGINA DUPLA	136	Incidente I e II, 2015 Cristina de Pádula Cattan
RESENHAS	140	Zeitgeist: arte da nova Berlim André Sheik
	142	O Direito à Preguiça – Nuno Ramos Luiza Baldan
	144	O poema infinito Roberto Corrêa dos Santos
	146	Sumário das edições anteriores

APRESENTAÇÃO

Em sua 31ª edição, a revista *Arte & Ensaios* traz entrevista com a artista Fernanda Gomes, a quem agradecemos a disponibilidade para a conversa e a elaboração da capa. Os editores agradecem igualmente o empenho da equipe editorial. Frente aos desafios conjunturais que se anunciavam durante a elaboração da revista, tentou-se pensar na pauta da revista sob o tema Matéria Branca, questionando sutilmente os espaços da arte e de sua prática. A produção desta revista foi possível graças à premiação e ao auxílio da Funarte por meio do Programa de Estímulo às Artes Visuais.

Na seção Temáticas, Oksana Bulgakowa concentra suas reflexões em duas obras não realizadas pelo cineasta Serguei Eisenstein, numa abordagem interessada tanto no misticismo quanto no ideário político e social das práticas artísticas até meados do século 20. Philippe Descola, antropólogo francês, apresenta e discute quatro possibilidades para os estudos da antropologia da figuração: animismo, naturalismo, totemismo e analogismo.

No segmento Artigos, que reúne as pesquisas dos estudantes e docentes do Programa, encontram-se reflexões acerca da arte como mecanismo que possibilita a continuidade do sentir (Julie Brasil), da diferença entre agir e fazer na arte da performance (Cinthia Mendonça) e da proposta de tomar a Ásia como método desde as primitivas elaborações até as de Kuan-Hsing Chen, mais recentes (Rosana de Freitas).

A seção Colaborações reúne os trabalhos de Luiz Cláudio da Costa, que trata da produção itinerante de Paulo Nazareth, conjunção de experiência e documentação fotográfica que problematiza a diferença entre real e ficção. Marina Bortoluz Polidoro, por sua vez, examina estratégias de apropriação nas artes visuais relacionadas conceitualmente à bricolagem e à coleção; Rachel Souza trata do stencil como arte pública; por fim, Adriana Maciel identifica nas propostas de John Cage a apropriação do silêncio e estabelece aproximações com o haicai.

A Reedição traz o texto seminal de Hubert Damisch O desaparecimento da imagem que, oriundo de palestra realizada no Brasil, lida com a ideia da história da arte como parte de uma economia simbólica e curativa. Essa mesma economia é operada abstratamente na Página Dupla, na qual Cristina de Pádula apresenta trabalho predestinado a retornar a sua matéria-prima de origem.

O desvelar da crise econômica como crise institucional e ética parece abater-se de modo muito mais pesado que previsto sobre a sociedade, a universidade, os intelectuais e o sistema de arte; seu alcance é incerto, e o prognóstico, funesto. O próximo número da revista *Arte & Ensaios* terá como tema o Eclipse, e buscará tratar do retorno dos conservadorismos e da atualidade da crise como representação.

Os Editores

FÓRUM NACIONAL DOS COORDENADORES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES / ARTES VISUAIS

O Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Artes / Artes Visuais, por meio deste documento, manifesta sua inconformidade com as atuais políticas, decisões e metodologias empreendidas pela Capes na gestão de recursos do Proap, PNPd e Proex. Tais decisões obliteram as ações voltadas à melhoria e o aprofundamento das condições de ensino e pesquisa nas universidades brasileiras. Ao vivenciar concretamente as vicissitudes que atingem nossas ações conjuntas, a manutenção de espaços de interlocução e de produção de conhecimento, bem como os planejamentos estratégicos que visam a produções qualificadas e inclusivas, entendemos que é imprescindível aventar saídas claras para a instabilidade orçamentária.

Os PPGs de Artes não estão alheios à lastimável crise política que assola o país, estiolando nossas instituições com retrocessos insidiosos, que anulam as profícuas colaborações e conquistas da área. O incentivo, indispensável para que possamos impulsionar nossos Programas – que têm efetivamente um papel social inequívoco -, vem sendo substituído por um avassalador desprestígio. Os sintomas e os dilemas desse desprestígio foram expressos na recente extinção do MinC, na desagregação do MC&T, no Projeto de Lei 193/2016 encaminhado ao Senado (concernente ao “Escola sem partido”), na redução de 45% dos recursos destinados às universidades federais brasileiras, no encaminhamento da PEC 241/2016 (que pode congelar os gastos públicos e atingir áreas da saúde, educação e assistência social), na aprovação da PL 257/2016, que fere garantias, liberdades e direitos dos servidores públicos federais. Nesse sentido, o Brasil volta a um regime de subordinação aos interesses do mercado financeiro, reavivando reminiscências anacrônicas de nosso passado colonial. A atonia é geral, pois ao passo que esses atos de sucateamento se intensificam, o Judiciário recebe aumento expressivo de salários, e setores do empresariado, vigorosas concessões. Esses meandros demonstram um ignorar progressivo de conquistas, que deixam o campo da educação à deriva, como que destinado a capitular “sem condições”. Felizmente, como ressaltou Jacques Derrida, a universidade é um “lugar de resistência crítica – e mais que crítica – a todos os poderes de apropriação dogmáticos e injustos”. Nesse sentido, reivindicamos a atenção da diretoria da Capes para os Programas de Pós-Graduação em Artes.

É evidente que esse panorama adverso não é fruto da redução dos recursos do Proap, PNPd e Proex, mas de toda uma conjuntura política e econômica. Nossa manifestação, portanto, está pautada na retomada de uma parceria fecunda entre a Capes e nossas instituições, a fim de restabelecer os avanços e as transformações indispensáveis à educação. Em síntese, almejamos cultivar um desenvolvimento pleno das representações sociais, mediante a intensificação de políticas educacionais e culturais. Dessa forma, relacionamos abaixo algumas perspectivas nas quais vislumbramos outra condução das políticas do Proap, PNPd e Proex, que poderia dirimir muitos dos problemas que enfrentamos cotidianamente em nossos Programas de Pós-Graduação.

Entendemos que as restrições dos recursos atingem diretamente, por exemplo, a participação de membros externos de outras universidades em bancas de dissertação de mestrado, teses de doutorado e seus corolários, ou seja, a reverberação de tais atos na qualidade das produções. Mas não apenas isso, ela limita ainda as próprias colaborações interinstitucionais (já que, atualmente, as defesas de teses e dissertações têm ocorrido via webconferência). Inviabiliza igualmente a participação de docentes e discentes em eventos, tão importantes para nossas pesquisas. Neste ano de 2016, por exemplo, não obstante o expressivo número de inscritos em um dos mais significativos eventos da área (Anpap), as representações dos grupos de pesquisa, dos docentes e discentes não terá a mesma participação, principalmente em consequência das limitações orçamentárias.

Alguns dos coordenadores dos PPGs sequer conseguirão participar do respectivo Fórum da área. As limitações impossibilitam também as pesquisas de campo, a compra de material permanente e de consumo, as taxas de publicação, bem como os apoios à publicação e manutenção de periódicos. Isso sem aprofundar a questão dos congressos internacionais e de fomento para a inserção social e salvaguarda do patrimônio artístico e cultural. Os problemas também se refletem na compra de equipamentos e materiais de qualidade destinados às produções artísticas. Além disso, há uma flagrante redução de novos investimentos em bolsas de pesquisa (para mestrado, doutorado e pós-doutorado) e suas respectivas reservas técnicas, que viabilizam os projetos temáticos e a inserção de pesquisadores nas instituições públicas (é o caso das restrições relativas ao PNPd e Proex). E isso num momento em que mesmo as fundações estaduais passam a anunciar cortes em programas, auxílios e incentivos à pesquisa. Essas e outras ações quando não realizadas atuam em detrimento da formação e atuação de nossos pesquisadores.

No que diz respeito mais especificamente à metodologia empregada pela Capes para o custeio do Proap, entendemos que os PPGs de Artes foram preteridos, já que a maioria dos Programas sofreu cortes orçamentários de aproximadamente 84,5% em 2016. De 2013 até 2016 houve redução progressiva comprometendo cerca de 35% dos recursos. Assim, a verba que era insuficiente se tornou ínfima. Os nossos Programas já não dispõem de recursos para realização de atividades básicas, o que torna inviável a observação das recomendações da Capes com respeito à avaliação e produção qualificada.

Um ponto que consideramos crítico, além dos critérios de distribuição de custeio em consideração à “mediana de discentes” e ao “estabelecimento de um teto”, é a hierarquia de prioridades por áreas, definidas pelas categorias G1 e G2. As Humanidades (G2) perdem consideravelmente nessa metodologia, e, com o contingenciamento, a distinção entre G1 e G2 torna-se ainda mais grave. Um dos argumentos é a necessidade de pesquisa de campo para coleta de dados nas áreas de ciências. Nesse sentido, caberia indagar: qual a pesquisa que não visa à produção de novos conhecimentos, sejam eles científicos ou artístico? Qual pesquisa prescinde de deslocamentos para aferir seu objeto, seja por meio de observação, entrevistas, escutas ou outros? Além de sermos forçosamente incitados a nos adequar a metodologias de pesquisa que não condizem com nossos objetos de investigação, somos penalizados por uma lógica econômica, política e determinista que desconsidera nossas particularidades e diferenças regionais. A lógica de segregação dos recursos incide negativamente, por exemplo, no desenvolvimento da pesquisa nas regiões Norte e Nordeste.

Da mesma forma que nossos colegas e pesquisadores dos mais variados campos têm expressado seus posicionamentos, esperamos que a distribuição dos recursos seja alterada ou pelo menos repensada, considerando-se também as necessidades e demandas específicas enfrentadas por nossos Programas.

Os pesquisadores, docentes, discentes e servidores, preocupados com a consolidação e o aprimoramento dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais nas universidades públicas brasileiras, cuja existência foi duramente conquistada, solicitam um posicionamento da Capes com proposta de novas alternativas referentes às questões supracitadas. Essas implicações poderão repercutir, aliás, no futuro da própria Capes. Para que ela não deixe de exercer suas relevantes atribuições em prol do aperfeiçoamento da pesquisa no país.

Em tempos de crise é fundamental o estímulo e o investimento continuado.

Estamos à disposição para o diálogo e para exposição das necessidades da área.

Gratos pela compreensão e pela atenção.

Atenciosamente,

Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Artes / Artes visuais